

N-379.151

~~710 (197)~~

-1940

P-2-

Nacionalização do  
ensino

Br. 9  
Jan 2

LVI-59

COPIA.

XX

*[Handwritten signature/initials]*

*Nacionalização do Ensino*  
*Major Aristoteles de Lima*  
*Cardoso, do Conselho de Imigração e Colonização*

Designado pelo Presidente do Conselho de Imigração e Colonização para dizer algumas palavras sôbre a "nacionalização do ensino", afim de satisfazer ao convite da Associação Brasileira de Educação, tenho a honra de vos dirigir algumas reflexões. A escolha recaiu, não no mais capaz, porém, na pessoa que teve a feliz oportunidade de percorrer, por mais de uma vez, os núcleos coloniais povoados inicialmente por estrangeiros. O Tema proposto é por demais restrito em seu conceito literal.

De fato Nacionalizar o ensino, obra que o Estado Novo já realizou, foi apenas substituir a escola estrangeira pela nacional correspondente, sem permitir o funcionamento das primeiras. Uma vez conseguido êste resultado, está virtualmente nacionalizado o ensino no país. Mas, a nacionalização do ensino não é um fim e sim um meio, tendente a apressar a absorção pelo meio nacional dos descendentes dos elementos alienígenas, radicados em nosso solo. E o trabalho que êsse fim exige é que está a reclamar o esforço de todos os brasileiros e, principalmente, daqueles que estão encarregados da tarefa grandiosa de ensinar e educar êsses jovens patricios.

As idéias que vou expor e que refletem, aliás, uma observação pessoal e de minha exclusiva responsabilidade, podem, por vezes, abandonar um pouco o tema proposto, mas estarão sempre enquadradas no desejo de uma assimilação mais rápida. Digo mais rápida porque estou certo de que todas as ações perturbadoras dessa assimilação só poderão retardá-la e o Brasil cumprirá, malgré tout, o papel histórico que lhe está reservado.

Para podermo-nos colocar melhor dentro do problema que desejo examinar, convém fazer um retrospecto do assunto, afim de verificarmos como foi permitido o ensino estrangeiro nos nú-

M.P.

*(\*) ...*  
*... assinado pelo ...*  
*... em ...*

COPIA.

núcleos colonizados com elementos advenos.

O excesso de população em alguns países da Europa, no século passado, fez com que levas de agricultores procurassem emigrar para o nosso país e nele se fixassem em zonas propícias às suas atividades. Assim a Alemanha, a Itália, Portugal e a Polônia para cá fizeram escoar fortes correntes imigratórias.

Convém notar que os colonos desta última, por não se tratar de país independente, mas dividido entre a Rússia, a Alemanha e Austria, aqui penetravam com tais nacionalidades. Localizavam-se aqui onde melhor lhes aprouvesse e o Governo do País lhes concedeu algumas facilidades. Receberam assim, principalmente, os Estados sulinos (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo) um forte contingente de braços que muito concorreu, sem dúvida, para a situação que hoje desfrutam.

Duas constatações devemos fazer desde logo:

- 1a. - Os espanhóis e portugueses foram logo assimilados;
- 2a. - No Estado de São Paulo os demais foram também assimilados (alemães, poloneses e italianos.)

Os núcleos coloniais alemães, poloneses e italianos dos três Estados sulinos foram se isolando por propósito deliberado de seus dirigentes e, quiçá, pela influência que sobre o espírito de nosso segundo Imperador exerceu o conde de Gobineau, que na época foi embaixador da França junto ao nosso Governo e que com a obra que escreveu em meados do século passado: L'inégalité de races humaines foi o verdadeiro criador da mística racista ariana.

As leis da época chegaram mesmo a proibir o contato do elemento nacional com os núcleos colonizados com elementos nórdicos. Ao problema da difusão do ensino primário, em nosso imenso território, opôs-se mais este obstáculo.

Os núcleos coloniais foram assim, aos poucos,

COPIA.

poucos, provendo todas as suas necessidades e quando o desenvolvimento permitiu, seus dirigentes voltaram suas vistas para a instrução. A ação do Governo não se fazia sentir, mas é justo dizer que esta inação não repercutia apenas nesses núcleos onde havia e continua havendo imensas glebas do nosso território, muito povoadas e onde a escola primária ainda não penetrou.

Para mostrar que não estou mistificando, li, em recente livro publicado pelo eminente brasileiro Dr. Artur Neiva "Estudos da Língua Nacional", o trecho que aqui reproduzo e que de certo modo esclarece o fato de não ter sido possível dotar esses núcleos coloniais das escolas de que carecem:

"Julga Clovis Monteiro que em toda a parte se encontram escolas, igrejas etc... Lugares ha onde não existe sombra de colégios ou mesmo de modesta capela...

"Das zonas que se estendem entre a Serra do Duro em Goiás e as margens do Rio Preto no Estado da Baía, desdobram-se os gerais, através de uma zona fértil e, inexplicavelmente, desaproveitada... Nem o querozene lá chegou... É um mergulho na história que o viajante faz, inesperadamente, retrocedendo séculos".

Mas, poderá ser dito que este fato se passa na Baía. No Estado de São Paulo, viajando de Yopé para Bartyra, encontro depois de dormir uma noite na estrada uma cabana abrigando uma família de 27 membros. Ninguém sabe ler desde o velho Barnabé de mais de 70 anos até uma criança recém-nascida que é batizada pelo meu companheiro de viagem Dr. Geraldo de Rezende Martins, pois nem os sacerdotes aí aparecem.

É bem verdade que a zona referida pelo Dr. Neiva tem densidade de população inferior à dos Estados sulinos, mas serve para mostrar que a inpotência do governo foi geral. Por esta razão é que foram surgindo as escolas estrangeiras nos núcleos coloniais, e ante os apêlos endereçados pelos colonos às pátrias de origem foram êles obtendo auxílios de seus governos e submetendo-

COPIA.

submetendo-se também à orientação dos mesmos. Evoluiu desta forma a situação das escolas alemãs, polonesas e italianas no sul do País, sempre com o apóio do clero, em geral da mesma nacionalidade da respectiva colônia e revestida dos poderes de sua Pátria de origem. A situação do ensino nestes núcleos vinha se agravando aos poucos quando, por força de imperativos bem nossos, tivemos conhecimento na última década de uma forte corrente imigratória japonesa que foi encaminhada para o Brasil, principalmente para o Estado de São Paulo.

A situação desses novos colonos e a evolução de suas escolas foi a mesma dos demais. Faltou-lhes, é verdade, a assistência espiritual, mas a sua poderosa organização supriu, em parte, essa lacuna.

O evoluir vertiginoso da política imperialista de alguns países que nos tinham enviado parte de seu excesso de população e bem assim a emancipação da Polônia, vieram dar novo rumo ao nosso proverbial descaso. Várias queixas relativas à situação de desnacionalização em que se encontram nossos patrícios nesses núcleos coloniais, alguns já em quarta e quinta gerações, chegaram até o nosso Governo. Algumas autoridades mais zelosas dão um rápido balanço no Estado onde exercem suas funções e verificam que os nossos patrícios percorrem um ciclo educacional que mantém viva a nacionalidade de seus pais.

Cumpre salientar em primeiro lugar o lar. A maioria das nossas criancinhas, nascidas nos núcleos coloniais, em lares de origem estrangeira, recebiam a ação desnacionalizadora, sem ao menos senti-la. Batizadas com nomes estrangeiros, próprios do torrão natal, até para acidentes geográficos, e falando uma língua que não é a nossa, percebia-se como essas crianças se tornavam estrangeiras dentro do próprio Brasil. O culto pela história e glórias dos países de seus antepassados mais acentuava essa desnacionalização.

COPIA.

desnacionalização.

Saídas de lar ingressavam as crianças nos jardins de infância, que eram mais usuais e onde os brasileiros eram assistidos por uma educação estrangeira perfeita; sem saber uma palavra do vernáculo. Atingida a idade escolar, ingressavam os nossos jovens patricios na escola estrangeira, onde era inculcido, de modo permanente e absoluto, o espírito de nacionalidade de seus antepassados. Paralelamente, os sacerdotes iam completando a tarefa do lar e da escola, aproveitando-se da formidável influência que exerciam sobre a mentalidade dos nossos patricios, utilizando, na mais larga escala, o caráter místico e sagrado de que se revestia sua atuação e, finalmente, com o propósito deliberado de conservar, manter e ampliar a mentalidade desses jovens, vinham as associações de toda a ordem: esportivas, culturais, recreativas etc...

Devo, porém, frizar aqui que todas essas atividades eram então permitidas pelo nosso Governo.

Apenas, para dar idéia de como funcionavam essas organizações, citarei o caso das escolas alemãs. Existia em cada Estado sulino a "União das Escolas Particulares Alemãs", com seus estatutos em alemão. Por eles pode-se verificar que essas escolas se filiavam à:

- Liga de Professores tauto-brasileiros, com sede em São Paulo, e
- Liga de Pensões e Montepios, com sede no Rio de Janeiro.

Toda a orientação do ensino nessas escolas emanava dessas instituições. Essas associações, por sua vez, eram filiadas às congêneres da pátria distante.

Resumindo o que foi dito, vimos a situação de desnacionalização em que permaneceram os nossos patricios, descendentes de colonos alienígenas, alicerçada e defendida pelos seguintes bastiões:

COPIA.

bastiões:

- lar estrangeiro
- escola
- igreja
- associações.

Dado, porém, o grito de alarme, cuja primazia coube, sem dúvida, ao Excelentíssimo Senhor General Meira de Vasconcellos, o Governo foi aos poucos tomando medidas suasórias, tendentes a minorar o aspeto contristador do espetáculo que se vislumbrava.

Desde cedo, porém, ficou constatado que toda ação desnacionalizante era exercida por meio de armas espirituais, visando sempre a formação da mentalidade estrangeira.

A ação do governo, afim de obter pleno êxito, só poderia utilizar as mesmas armas, e é o que tem sido feito.

É necessário entretanto proporcionar, a essas criancinhas cujos pais pertencem a nacionalidades várias e que só lhes dá motivo de orgulho, as mesmas alegrias que encontrariam na pátria de seus pais.

Não ha razão para procurar diminuir os valores da pátria de origem de seus antepassados. Cumpre, no entanto, científicá-los de que a nossa Pátria em nada é inferior àquelas e que sua existência, relativamente pequena, aliada às imensas possibilidades de nosso território e à energia do nosso povo, estão a prometer a cada um em particular um futuro risonho, cheio de segurança e felicidade; coisas com que talvez não mais possam contar na pátria de seus antepassados.

No nosso país não ha preconceitos raciais nem de origem, e os brasileiros consideram seus patrícios todos aqueles que trabalham pelo engrandecimento do Brasil e, assim sendo, seus pais continuarão a gozar de todas as considerações e carinhos, enquanto trabalharem pelo bem do Brasil.

É necessário convencê-los de que o Brasil neces-

COPIA.

necessita de sua colaboração e que esta também só poderá ser benéfica a êles próprios.

É preciso, enfim, falar às suas almas tal como fizeram sempre os seus dirigentes; mas, para obtermos o mesmo resultado, nada mais temos que fazer senão aproveitar a sua experiência, utilizando in totum as armas que foram empunhadas para atingir o fim que conseguiram. Vemos assim que, ao lado de ter sido toda a campanha dirigida às almas dos entes em formação, êles tiveram sempre:

- uma organização
- uma mística.

A meu ver cumpria, desde logo, seguir-lhes as pegadas na orientação dada. Uma primeira solução simplista era, no meu modo de ver, o de utilizar as organizações existentes. Foi o que fez o Governo. A medida que as sugestões eram apresentadas o Governo ia aprovando algumas, transformando-as em leis e desaprovando outras. Foram assim fechadas as escolas e associações estrangeiras e agora foram decretadas as leis restringindo a atuação dos sacerdotes.

A penetração direta no lar não sendo possível, a atuação neste setor deveria, forçosamente, ser feita de modo indireto; tal como modificando a mentalidade dos filhos, e compelindo os pais a certas obrigações para com a nossa língua. Sem dúvida alguma a mais eficaz seria, fatalmente, a influência exercida pelos próprios filhos, que adquiram uma mentalidade brasileira e aos poucos vão convencendo seus pais de que a sua Pátria não é a de origem de seus progenitores, e que o nosso estremecido Brasil tem direito aos mesmos carinhos que seus pais consagram à pátria distante.

Vê-se, pois, que a atuação é de grande fôlego e que só após uma geração é que poderemos colher os frutos

frutos marcantes da campanha que empreendemos.

Atuação paralela deveria ser exercida nas associações culturais, esportivas, recreativas, etc., que foram fechadas pelo Govêrno.

Ora, trabalho tão demorado e delicado não podia prescindir de uma direção única. Isso, porém, não foi possível realizar desde logo porque o ensino primário achase entregue aos Govêrnos Estaduais, e sendo quatro os Estados interessados, temos em cada um deles uma orientação diferente.

Não me aprofundarei já na questão da solução que encaro; voltarei a ela mais tarde. Fixemos, porém, que nos faltam uma direção e uma mística.

Passemos agora a fixar alguns aspetos colhidos na situação atual.

Examinemos, em primeiro lugar, a situação dos núcleos japoneses em São Paulo:

Como sabemos, a entrada dos imigrantes nipônicos



COPIA.

nipônicos em São Paulo é canalizada por duas Companhias Colonizadoras, conhecidas vulgarmente por Kaygai e Bratac. Seus dirigentes nenhum obstáculo opõem às medidas nacionalizadoras, antes apoiam e reverenciam as Autoridades brasileiras que os procuram para tratar d'êste assunto. Sem embargo, de quando em vez, o Governo descobre e fecha uma escola japonesa clandestina.

É que, nem todas as escolas fechadas puderam ser substituídas pelas congêneres brasileiras sempre pelo mesmo motivo: falta de verba.

Neste setor o trabalho dos professores está a exigir aptidão especial. A razão é bem simples: a colonização é bem mais recente e o Brasil continua a receber imigrantes nipões.

Ha assim um grande número de crianças que já iniciaram sua educação no Japão e que possuem hábitos diametralmente opostos aos nossos. Basta lembrar que um livro escrito em japonês é paginado da direita para a esquerda e suas linhas são verticais.

Iniciar nova educação a tais crianças é tarefa bem mais complexa do que quando se trata de brasileiros descendentes de italianos, alemães e poloneses.

Visitei quasi todas as escolas primárias nos núcleos coloniais japoneses de São Paulo e Paraná. Pode-se afirmar, de um modo geral, que 50% dos alunos é constituído de japoneses natos. A ordem é perfeita e as classes estão sempre superlotadas, o que mais ainda dificulta a tarefa dos professores.

Em toda parte onde passei inquiri sempre das necessidades e quasi sempre recebia a mesma resposta: mais escolas; maior número de professores.

Na Fazenda Tieté, no Município de Pereira Barreto,

COPIA.

Barreto, quasi na fronteira de Mato Grosso, um ancião japonês, antigo administrador da colônia, ao saber de minha presença, provocou a minha visita, pois, seu estado de saúde não permitia sair da sua residência. Fui procurá-lo. Depois de me fazer um apêlo no sentido de conseguir mais escolas e mais professores, procurou mostrar-me os inconvenientes advindos para a colônia pelo fato dos rapazes, sorteados para o serviço do exército, terem de fazê-lo em cidades distantes. Quasi nunca regressavam, empolgados pelos encantos dos centros maiores. Eram braços que a lavoura perdia.

Sugeri então, a criação de uma Escola de Instrução Militar no próprio local e onde a rapaziada pudesse se desobrigar dos deveres para com a Pátria.

É desnecessaria acrescentar que a solução não tardará.

A situação das escolas brasileiras em relação aos colonos é a mais harmonica possível. Oxalá fosse essa a situação geral!

Nos demais núcleos, muito embora os resultados já obtidos façam crer em um futuro promissor, todavia nem sempre existe a harmonia que acima assinalei.

Passemos a analisar alguns fatos observados no vale do Itajaí, em Santa Catarina, zona colonizada com elementos teutos. Fechadas as escolas particulares alemãs, o Governo do Estado, com um esforço verdadeiramente herculeo, procurou substituí-los todos pelas congeneres brasileiras. Seus recursos financeiros, no entanto não permitiram que se realizasse integralmente êsse plano. As escolas são insuficientes. Algumas baixaram muito o nivel do ensino. A razão é simples. Citemos um caso como exemplo: Havia em Blumenau uma escola particular alemã, instalada em magnifico predio, dotado de todos os recursos exigidos pela técnica moderna. Seu diretor recebia mensalmente 1:000\$000 e a escola tinha uma subvenção anual

COPIA.

anual de 48 contos. Foi fechada em cumprimento à lei. Foi dirigida por uma professora que recebe cerca de 300\$000 mensais. Todo o material escolar foi apreendido e não substituído por falta de verba.

36 escolas ficaram nas mesmas condições, entregues ao Município de Blumenau. Ainda no mês passado, quando lá estive, o Prefeito procurava obter 36 contos a fim de dotá-las de material escolar para substituir o que fôra apreendido, há mais de ano.

Subo mais o vale do Itajaí e atinjo Hamônia; no seu distrito Getúlio Vargas visitei as escolas.

À noite, cientes de minha presença, procuraram-me alguns colonos. Vinham solicitar providências para que seus filhos pudessem frequentar as escolas locais. Explicaram-me que as disposições estaduais limitavam as turmas de cada professora a 40 alunos. Como o nº de professoras é insuficiente há cerca de 120 crianças sem matrículas, situação que já perdurava há meses.

Abusando de minha amizade pessoal com o Interventor Nereu Ramos, tomei uma solução de emergência, organizando turmas à tarde e submeto o plano ao Interventor. Quando passo de regresso por Curitiba, tenho a honra de receber a comunicação do Interventor de que havia aprovado minha solução.

Mais acima, no vale do rio Krauld, há uma colônia menonita de indivíduos nascidos na Rússia nas alenões raciais. Vi aí as mais lindas criancinhas brasileiras. Possuía a colônia 6 escolas com frequência média de 50 crianças, que foram fechadas e reaberta apenas uma nacional, com a frequência de 40 alunos, pois, só há um professor.

Fato notável ainda verifiquei em Getúlio Vargas: a companhia do exército, com sede em Hamônia, destacou alguns graduados para ministrar aulas de português aos adultos, pais dos nossos patriciozinhos que não podiam obter matrícula nas

COPIA.

nas escolas primárias: Presencio então colonos percorrerem voluntariamente, á noite, cêrca de 10 kilometros, afim de comparecerem a essas aulas.

De regresso à Hamonia, deparo na estrada com uma jovem de origem teuta que possivelmente, ia pelo mesmo caminho que seguia. Ofereço-lhe logar no meu carro. Aceita. Não fala português, porque? No seu tempo não se ensinava o português nas escolas. A companhia de Hamonia havia prometido enviar um cabo para a sua aldeia afim de ministrar conhecimentos do vernaculo. Ela ainda aguarda essa providência para poder se matricular no curso.

Poderiam ser citados vários fatos analogos, presenciado nos Estados do Paraná e Rio Grande do Sul, ou ainda nos núcleos coloniais poloneses e italianos. Julgo, porém, que os apresentados permitem tirar as conclusões que desejo.

Devo antes, porém, frizar um ponto essencial: não têm as minhas palavras qualquer intuito de critica às Autoridades locais. Ninguém mais do que eu tem sentido o desejo ardente de acertar, de que todas elas estão imbuidas.

Convem ainda esclarecer que não é meu desejo apresentar as medidas nacionalizadoras como não tendo sofrido reações. Ao contrário, todos nós sabemos que nem sempre as engrenagens se têm entrosado convenientemente e que atritos e discordâncias têm chegado ao nosso conhecimento, até por intermédio da imprensa.

Dos fatos apontados podemos, no entanto, tirar duas conclusões:

- a) - a deficiência que nossa atuação apresenta é motivada pela falta de uma orientação única e pela carência de recursos financeiros;
- b) - ha um imenso material humano a explorar na campanha encetada e que se acha na melhor

COPIA.

melhor disposição de ânimo para colaborar conosco.

A ação direta central, cuja necessidade aparece agora clara aos nossos olhos, terá maior justificativa porque teremos que absorver descendentes de estrangeiros com caracteres os mais antagonicos. Para exemplificar citarei fatos que chamarei de negativos, observados nas minhas passagens pelos núcleos coloniais alienígenas.

Jamais fiz qualquer reclamação pessoal pelo que via nos núcleos coloniais japoneses. Sempre levei comigo um auxiliar ou um amigo, através do qual fazia chegar aos diretores japoneses as minhas reclamações. Imediatamente, o ambiente se transformava como por encanto; tudo que não havia julgado razoável era logo submetido às indispensáveis transformações.

Citarei como exemplo típico o caso dos nomes das ruas de Bastos, longinqua vila do oeste paulista, no atual Município de Tupan e localizado entre os vales do Aguapeí e Rio do Peixe.

Essas ruas possuíam letreiros em japonês, como aliás o eram todos os demais daquela vila. Hoje Bastos ostenta nas suas ruas nomes bem nossos, escritos em caracteres latinos, tais como: Antonio João, Avenida Getulio Vargas, Ruy Barbosa, General Ozorio, etc., e o Ginásio Duque de Caxias.

Nos núcleos coloniais alemães dá-se o contrário, só mudam um nome teuto quando a isto são forçados e, deixando-se-lhes a escolha, vão buscá-lo entre os nomes de uma personagem da Família Imperial que, como sabemos, tinha a mesma origem.

O alemão e o italiano, quando provocados, se exaltam e se excedem em tudo que dizem; o polonês, ainda mais emotivo, é capaz até da agressão; o japonês, ao sentir-se pro-

COPIA.

provocado emudece e dele não se conseguirá senão uma reverência e um "sim senhor". Não vejo aí defeitos, mas caracteres raciais.

Deante do exposto, vemos portanto que, para obtermos os resultados que desejamos, necessário se torna agir de modo diferente, tomando na mais alta consideração a origem de cada indivíduo em particular.

A verdadeira igualdade está, aliás, em se tratar desigualmente coisas desiguais.

Não é só, porém, a mentalidade do brasileiro descendente de alienígena que é diferente conforme a origem de seus pais. Também a mentalidade dos professores é diversa, conforme o meio em que formaram seu espirito, embora sejam todos brasileiros.

Ora, é evidente que, deante do problema que acaba de borquejar em rápidos traços, torna-se necessário ter em conta ainda este fator de diferença de mentalidade entre mestres e alunos, convindo, tanto quanto possível, no sentido de diminuir os choques inevitáveis de suas mentalidades respectivas, que os mestres estejam plenamente a par das peculiaridades de cada tipo de colônia, ou si possível, que sejam brasileiros da mesma origem que os educandos.

Assim, o aluno se sentirá mais próximo do professor, que o compreenderá com maior facilidade, penetrando muito antes de outro qualquer nos recessos de sua psyche, e captará de maneira mais completa a confiança da criança que vai ensinar. Mas, tal atuação carece de uma diretriz central que não desconheça a diferença do meio onde irá exercer suas atividades. O que frutifica aqui pode, nem sequer, medrar ali!

A situação, tal como se apresenta, só pode ser plenamente resolvida com uma campanha de longa duração, exigindo ainda que seus executores dediquem a ela um carinho extremo e uma fé sem limites.

COPIA.

limites.

Ha, porém, diversos modos de auxiliar a campanha afim de obtermos os mais lisongeiros resultados. Não podemos nos limitar a ministrar o ensino do vernáculo nas escolas primárias, destinadas exclusivamente às crianças menores e deixar de lado os que já passaram o limite de idade imposto para as matrículas. Não é absolutamente aceitavel que deixemos na ignorância do nosso idioma rapazes e moças genuinamente brasileiros, que desejam aprender a nossa lingua e só não o fazem por já haverem ultrapassado o limite que prescreve a matrícula nas escolas primárias. É preciso notar também que as escolas primárias são insuficientes para comportar o número de crianças em idade escolar.

Sentimos assim que, se a solução do problema é facil e mesmo natural, a sua execução demanda certos cuidados e certas atenções que não podem deixar de ser estudadas por um organ central especializado.

Antes de tudo é indispensavel um conhecimento profundo do meio em que as medidas deverão ser executadas. É aconselhavel que se dê às medidas impostas a maior flexibilidade na sua execução. Convém também ter em vista que o plano reclama o mais firme discernimento, pois, ~~é~~ é preciso abandonar um caminho logo que se percebe não conduzir ao destino almejado. Nada de rigidez; ao contrário, sempre a maior adaptabilidade possível, pois, nesse campo, mais do que em qualquer outro, sente-se a toda hora a imensa delicadeza da atuação.

De início, as diretrizes não podem ser as mesmas para os diferentes núcleos coloniais. Flexibilidade, portanto, nas medidas a serem postas em prática. Flexibilidade ainda na execução das medidas em cada ambiente.

Se uma diretriz desagrada e, por conseguinte,

COPIA.

consequente, é capaz de provocar animosidades que não encontram eco na atmosfera de confiança, carinho e respeito que desejamos criar, forçoso é abandoná-la e procurar novos meios para atingir o mesmo fim, com a preocupação sempre presente de falar à alma dos nossos patrícios.

O organ central, capaz de dirigir essas atividades, ainda não existe, ao menos com funções executivas. Como é fácil de perceber, ha inumeras soluções para resolver os problemas da presente situação. Federalizando ou não o ensino primário em todo o país ou apenas nos núcleos coloniais estrangeiros. Para isso urge, porém, uma centralização.

A hora tormentosa que atravessamos atualmente está a exigir que se eduque toda a mocidade do Brasil sob uma mesma diretriz, para que se forme uma mentalidade comum em todos os brasileiros; nem se diga que isto é puro idealismo! Não; quem percorrer o interior do Brasil em todos os sentidos, verificará que já possuímos sentimentos comuns. Conseguimos conservar, apesar de todos os óbices, uma unidade linguistica e sentimentos religiosos e afetivos que muito pouco diferem nos rincões mais longinquos. Basta, pois, que imitemos os meios empregados pelos que conseguiram manter em certos núcleos coloniais uma mentalidade que não é a nossa. É preciso, pois;

- a) - criar uma mistica;
- b) - organizar em solidos alicerces a direção da campanha.

A mistica será forçosamente a mistica da pátria que já têm exercido, atravez de todos os transe da história, o papel de eterno crisol de todas as raças, como nos diz Epiaga.

O organ terá um nome que não importa e será necessariamente federal. Como primeira tarefa êsse organ deveria imprimir à solução do problema um cunho absolutamente brasileiro, no sentido de serem assimilados, no mais breve prazo

prazo possível, os descendentes de elementos alienígenas.

Não deveria esquecer de atacar desde o início os quatro grandes baluartes que foram organizados, procurando torná-los brasileiros:

- a) - as associações esportivas, culturais, recreativas, beneficentes;
- b) - a igreja, velando para que os sacerdotes, da mesma origem que os colonos, não persistam em querer manter a mentalidade estrangeira;
- c) - a escola, que aliás já se tornou brasileira mas, que, por falta de recursos, não preenche ainda totalmente seus fins;
- d) - o lar, de penetração indiscutivelmente mais demorada, mas que ruirá logo que os pais sintam o desejo que possuem seus filhos de se tornarem brasileiros.

Estou ainda convencido de que o largo campo de ação em que terá de atuar esse órgão para poder dar uma mentalidade única aos jovens brasileiros exige o que chamarei de política de segurança nacional, mas que poderá ter outro nome qualquer.

É preciso definir claramente o que se deseja dos futuros cidadãos a fim de poder ministrá-los uma educação conveniente. Seria, necessariamente, um vasto programa que teria que ser inteiramente alicerçado em uma política de educação e cultura.

Ter-se-ia que organizar os planos de educação obedecendo a todas as minúcias, mas teríamos conseguido uma sólida base educativa e científica.

À "Professora do Brasil" daríamos então a palavra para que lançasse o germe da disciplina espiritual que o Brasil está exigindo e que só poderá ser obtida mobilizando todas as energias com o fim de educar. Nossa estrutura educacional deve, forçosamente, ser integrada nos postulados do Estado Novo, enquadrando o pensamento pedagógico nos limites da nossa ordem jurídica.

COPIA.

jurídica.

Pode parecer à primeira vista que estou dando um grande âmbito às atividades do organ diretor que imagino. Julgo, porém, que já é tempo de erigirmos a escola em alicerces do Estado para que ãle possa ser aceite por todos como entidade suprema da soberania da coletividade.

È, ademais, necessário aproveitar a oportunidade que se apresenta para dar êsse passo para a frente. Pouco adiantaria assimilar totalmente os descendentes de estrangeiros se os deixarmos, em seguida, entregues a si próprios, sem possuírem a mentalidade afinada pelo diapasão nacional.

Animou-me, aliás, a expender os conceitos acima, o fato de vir percorrendo os núcleos estrangeiros ha quasi dois anos e conhecer de perto a evolução favorável que vão tendo, apesar de não se fazer sentir a ação do organ diretor.

O Brasil ha mais de século recebe correntes imigratórias e não temos dedicado à sua adaptação os cuidados e estudos que se tornavam necessários. As dificuldades encontradas na adaptação ao meio; a maior ou menor inclinação ao cruzamento etc. etc.; nada disso foi estudado.

Não conseguimos, aliás, fazer despertar entre nós o gosto pela demografia, e nem ao menos cuidamos de nossas estatísticas, que são o fundamento de todos os estudos demográficos.

Todos os fatos que deveriam ser meticolosamente estudados nos nossos núcleos coloniais foram inteiramente descurados. Urge, pois, que comecemos a observar as tendências de nossa população, não apenas para registrá-las, mas para que se consiga orientá-las em um sentido eugenico, e teremos então desde logo duas imensas vantagens:

- melhoramos a saúde do povo;
- melhoramos o índice de crescimento demográfico.

País que necessita importar braços na mais lar-

COPIA.

larga escala para dar valor às suas terras, não pode se esquecer de que uma quantidade bem elevada desses trabalhadores poderia ser conseguida diminuindo-se o índice de mortalidade, principalmente o da primeira infância. O decreto publicado ante-hontem sobre a proteção à infância é, sem dúvida, um grande passo nesse sentido. Na exposição do Ministro da Educação que o acompanhou, li o seguinte: "Sabemos que o principal fator de nossa deficiência demográfica é a mortalidade infantil que entre nós atinge a cifras verdadeiramente pasmosas". Para elevar, pois, o número e valor de nossa população, e este é, sem dúvida, o mais insistente imperativo categórico que a história nos impõe, nenhum remédio será mais decisivo do que esse: o de organizar em todo o país um sistema de serviços completos e eficientes, destinados a assegurar a todas as mães as condições mais favoráveis à concepção, gestação, ao parto e à criação de todas as crianças, desde o nascimento até à adolescência, e a garantia de que será normal e feliz o processo de seu desenvolvimento físico, moral e intelectual.

Ora, sabemos que o decrescimo de população em diversos países da Europa tem sido consideravelmente minorado ante o mais franco apêlo às medidas capazes de diminuir o índice de mortalidade, ou em uma palavra, com mais larga aplicação da medicina sanitária.

Iniciamos, pois, com o recente decreto o bom caminho.

Não é tudo, porém. É necessário avançar mais e concluir como Platão que a qualidade deve sobrepor-se à quantidade e que a regeneração social só pode ser obtida pelo expurgo constante da sociedade.

José Verissimo já afirmou: "A educação não é decerto uma panacéa como inculcaram apóstolos demasiado convictos,

convictos, mas é sem contestação poderoso modificador. Tristemente mas triunfalmente, as estatísticas demonstram a falsidade da asserção, que começava a adquirir foros de axioma, que abrir escolas era fechar prisões".

A educação por si só não conseguirá modificar a especie humana; é necessário apelar para medidas eugenicás.

Parece, assim, que saio um pouco do ambito que me foi proposto - "A Nacionalização do Ensino" para traçar um vasto programa de educação e eugenia e a que, logo me irão responder: os nossos recursos orçamentários não o permitem.

É, que estou convencido, que é esta a solução do problema e não vejo porque applicá-lo apenas nos núcleos coloniais, onde os jovens brasileiros se desnacionalizaram.

Urge que esse programa de "educação e saúde" seja estendido a todo o vasto território brasileiro. É um imperativo de segurança nacional e se não quisermos perecer, teremos que encarar de frente os angustiosos contratempes que nos esperam.

Não ha quem se insurja contra os orçamentos militares porque nas classes armadas repousa a segurança da Nação.

Hoje, a educação e a saúde devem ser tratadas de modo identico, e para isso é imprescindivel que se eleve seu orçamento à altura dos orçamentos militares. É bem de ver, porém, que tudo isto exige um vasto programa préestabelecido. Não ha mestre de obras que, ao assentar um alicerce, não conheça de sobra o edificio que constrói.

Algumas cousas terão mesmo que ser começadas agora, como por exemplo, o gosto pelos estudos demográficos, fundamento principal da campanha que se vai iniciar.